

a coccinella perfeita
antónio da costa neves



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

«A mente é o seu próprio lugar.»
Alan Lightman, *Senhor D*

APONTAMENTO N.º 1



Todos os dias são iguais: todos têm 24 horas, 48 meias horas, 96 quartos de hora, 1440 minutos, 86.400 segundos, 864.000 décimos de segundo... Todos os dias, sem exceção. Dizem que sim, mas não é verdade. Todos os anos, há dois dias em que um tem mais uma hora e o outro menos uma. E ainda há, de quatro em quatro anos, um ano bissexto, com mais um dia, que calha sempre a 29 de fevereiro. Deveria ficar por aqui, mas como o calendário está sempre a desacertar, nos anos terminados em 00, que são sempre bissextos, desde que não sejam divisíveis por 400, fevereiro tem apenas 28 dias. Mas como o último ano em que isso aconteceu foi em 2000, quando eu ainda não era nascido, e o mesmo só voltará a acontecer em 2400, deixei de me preocupar com uma exceção que nunca me afetará. Passando por cima destes pormenores com que me entretenho frequentemente, satisfaz-me saber que o senso comum apenas costuma referir-se à primeira medida, a tal das 24 horas. Talvez porque as 24 horas de um dia já sejam bastantes para alguém se preocupar com mais. Facto que serve, até, muitas vezes, para justificações e desabafos inúteis, como se alguém não soubesse que o dia só tem 24 horas. E, no entanto, em 24 horas faz-se muita coisa. Por exemplo, a Estação Espacial Internacional, 400 quilómetros acima de nós, completa durante um dia quase 16 voltas à Terra. Percorrendo, assim, cerca de 665 mil quilómetros. Para um dia só, parece obra! E de facto, a essa velocidade, a Lua ficaria a menos de 14 horas de distância da Terra. Num tempo futurista, será possível, por exemplo, tomar o mata-bicho em Azarelhas e ir cear à Lua.

Acabo de escrever isto por prescrição terapêutica e sugestão do meu médico. Como provavelmente não me conhecem, deixem que me apresente: chamo-me Jacob e sou autista, e números, imagens e padrões fazem parte do meu mundo mais íntimo e pessoal. Sou autista, mas disfarço muito bem.

Quem me vê na rua, a andar de bicicleta ou a apanhar sol debaixo das laranjeiras da igreja, não diz que eu sou diferente. Aliás, o meu autismo é um caso particular. Segundo o Dr. Milagres, o meu problema é ter uma memória absolutamente fotográfica, capaz de absorver tudo o que me passa pela frente dos olhos, mesmo que seja apenas no tempo de um fogacho. Minha tia, que já leu quase tudo o que há para ler sobre o assunto, diz que o meu problema são os padrões que fazem com que as sucessivas imagens do meu quotidiano permaneçam para sempre na minha memória, avolumando-se e não deixando espaço para algo mais que a sua ordenação. Eu, porém, que sei mais sobre mim do que eles, rio-me interiormente, abano a cabeça e registo automaticamente quantas vezes já ouvi o mesmo. É um padrão, digo para mim mesmo, eles nem sonham como são óbvios e fáceis de catalogar.

Em boa verdade, normalmente, ninguém repara em mim. E quando, por acidente ou distração, alguém repara, é para se afastar logo. Desconfio que as pessoas têm medo do meu ar esgrouvinhado. O Dr. Milagres diz que os seres humanos têm receio do que é desconhecido e principalmente do que é diferente. Ora, eu sou diferente, em primeiro lugar porque não sou capaz de encarar as pessoas e, depois, porque sou um pouco vesgo e normalmente inclino a cabeça para a esquerda, o que as assusta, pois nunca sabem para onde estou mesmo a olhar. Por isso, sei que nunca terei muitos amigos, mas não me queixo. Até porque, se tivesse muitos amigos, isso só serviria para me dispersar. Para além disso, gosto de ter uma vida sossegada, organizada e sem grandes mudanças. Quando vim para Azarelhas, faz precisamente amanhã seis anos e oito meses, ou seja, 2432 dias. Podiam ser 2430, mas como apanhei dois anos bissextos... Enfim, nessa altura sofri bastante com a mudança. Se há coisas de que eu não gosto são as mudanças; mudanças e ir ao dentista. E nem é pelas brocas ou pelas dores, é por ter de ficar ali, sentado, de boca aberta, sem poder mexer a cabeça. Na última vez que fui ao dentista, contei 25.432 ondas de luz que revolteavam numa campânula, mesmo por cima da minha cabeça. contei não, que os resultados matemáticos aparecem na minha mente já resumidos. Não dá para acreditar, mas é verdade.

Aqui na aldeia tenho três amigos. Nenhum deles me vê como esquisito: o senhor engenheiro Isaac, o Fredo do Quim da tasca e o doutor Bartolomeu. Dos três, só o Fredo é da terra, os outros são de fora; são como eu, que vim da Ataboeira, aliás, vim de Sesimbra, que é uma terra de pescadores que fica perto de Alfarim e de Santana da Serra. Ataboeira foi só a terra onde nasci, mas onde nunca mais voltei. Quando saí de Ataboeira era muito pequeno e, por isso, não me lembro de quase nada. Minha tia diz que, nessa altura, eu ainda não tinha apanhado a meningite e que, por isso, a minha cabeça ainda

não tinha começado a encher. Quer ela dizer que eu ainda não era o que passei a ser. Minha tia evita dizer que eu sou anormal. O Dr. Milagres, por seu lado, diz que a normalidade é uma coisa muito rara. Pelo menos pelo seu consultório nunca passou nenhum caso, e remata sempre: “A começar por mim!” O Dr. Milagres não fala de doenças nem de doentes, para ele tudo são casos. E o meu caso, na sua opinião, é o seu caso atípico. Tenho, portanto, um tratamento especial. Também gosto do Dr. Milagres. Mas nunca lho disse, porque a nossa relação é meramente profissional.

Às vezes, abro-me com o doutor Bartolomeu. O doutor Bartolomeu não é Dr. como o Dr. Milagres, que tem uma placa, à porta, com o nome e um aviso: «Medicina Geral e Familiar», usa bata branca e estetoscópio e tem na gaveta da secretária um martelinho de madeira com que costuma bater nos joelhos dos seus casos. Quando fui ao seu consultório pela primeira vez e se debruçou sobre mim, não pude evitar o pontapé que lhe dei na ponta do queixo. Desde então, nunca mais me bateu com ele. O doutor Bartolomeu, mal lhe contei, disse-me logo: “Fizeste bem, Jacob, um homem não é de ferro.” O doutor Bartolomeu está sempre de acordo comigo, mas não é por isso que gosto dele. O doutor Bartolomeu é mediador de arte, seja lá isso o que for, e tem um grande segredo que eu descobri por acaso. Minha tia diz que o doutor Bartolomeu apareceu um dia em Azarelhas atrás da herança do senhor barão das Lampas. Como é que ele soube da herança, ninguém sabe verdadeiramente, embora se contem, do caso, as mais variadas versões. Eu, pelo menos, conheço seis. O Fredo diz que, na tasca do pai, se comenta que há mais. O certo é que a herança já se foi, assim como a senhora baronesa, que era uma somítica, mas deste então o doutor Bartolomeu, para espanto de todos, continua em Azarelhas. Minha tia diz que, até há poucos anos, ninguém vinha a Azarelhas sem uma razão forte. Pois eu penso que o doutor Bartolomeu não tem apenas uma razão forte, mas uma boa meia dúzia de razões fortes para ter vindo a Azarelhas e por cá ainda permanecer. Isto digo eu, que sou especialista em padrões. Aliás, foi esta minha propensão para os padrões que me aproximou do doutor Bartolomeu. Comecei a reparar nos padrões quando ainda estava em Sesimbra e morava perto da lota. Mas não foi logo. Por causa da minha particularidade, como também diz o Dr. Milagres, a balbúrdia dos barcos, as manobras, os apitos, as descargas e a algazarra dos pescadores e dos peixeiros faziam-me muita confusão. As únicas coisas de que gostava era dos alcatrazes, das gaivotas e da lengalenga dos pregoeiros. Das ondas e das marés também gostava, porque as ondas e as marés também têm padrões. Como estava sempre a olhar o mar, a partir de certa altura, quase sem querer, comecei a perceber quais os melhores dias

para a pesca. Mas não me admirei dessa sabedoria, porque, de uma maneira geral, os pescadores sabiam tanto como eu.

Minha tia diz que Azarelhas mudou muito nos últimos dez anos, e eu acredito porque desde que cá estou também tenho observado muitas mudanças. A última é a tubagem que têm estado a montar para trazer a água do Alqueva. É que as nossas duas ribeiras, que ficam aqui mesmo ao lado, têm estado a secar. É um padrão: de ano para ano, cada vez os caudais são menores. Na ribeira das Lampas já não há mergulhões e na ribeira de Azarelhas as pardelhas e os achigãs começam a escassear. O Fredo diz que o motor da mudança é o senhor engenheiro Isaac. O Fredo, desde que deixou a bicicleta a pedais e comprou uma motorizada, passou a meter a mecânica em tudo. Já lhe conheço o padrão. Diz ele que, no tempo do primeiro engenheiro, um que foi comido pelos javalis, ainda antes de eu ter vindo para cá, a terra era um atraso e que agora é só olivais por todo o lado. Eu gosto dos olivais porque são organizados e previsíveis. Quando subo a um monte e olho a imensidão da charneca, com facilidade sei quantas oliveiras ali estão e quanto azeite produzem. Aqui há dias, o senhor engenheiro olhou para mim e disse, sem pestanejar, o que é um sinal claro de que estava a falar a sério: “Jacob, tu davas um bom lavrador.” Depois ficou a meditar e, passados meia dúzia de minutos, perguntou-me: “Jacob, o que achas de começarmos a meter vinha no Monte das Pardocas?” Este é o tipo de perguntas para as quais tenho resposta imediata. Porém, também fiz por meditar um pouco, não fosse ele pensar que estava a falar com um qualquer cabeça de vento, e só depois lhe respondi: “O que dava bem aqui era daquelas uvas de mesa sem grainha.” Como sou muito guloso, mas não sou muito bom a engolir, sempre me inclinei para as uvas sem grainha. O senhor engenheiro é consultor da FAO, que é o organismo que manda na agricultura de todo o mundo, e a minha tia há dez anos que é a sua secretária. Eu estou em Azarelhas há seis anos e, por isso, sempre a conheci secretária. O Fredo diz que a minha tia é boa como o milho e que já despachou quatro pretendentes: o senhor barão, que eu não cheguei a conhecer; o engenheiro que foi comido pelos javalis; um artista qualquer, que depois deu em bissexual ou transsexual, seja lá isso o que for; e, por último, o padre Miguel, que se suicidou. Um padre que se tenha suicidado foi a primeira vez que ouvi dizer, mas não me espantou porque no Alentejo morre-se muito. Eu gosto dos alentejanos. Mas os alentejanos são todos ao contrário de mim. Eu penso depressa e decido ainda mais depressa, muitas vezes até antes mesmo de pensar, e eles pensam devagar e nunca mais acabam por se decidir. Antes, quando morava em Sesimbra, também conheci pessoas diferentes e algumas delas até nem sei se pensavam, como

os agarrados do bairro do Castelo, os *freaks* da Arrábida e os nudistas do Meco. Mas aqui, além dos alentejanos, que são todos iguais, como os pescadores de Sesimbra também o eram entre si, conheço ainda os migrantes do Bangladesh, da Índia e do Paquistão e as massagistas tailandesas que as máfias chinesas trouxeram ultimamente. Andam todos em grupo e vestidos da mesma maneira e, ao contrário dos russos, dos ucranianos e dos moldavos, falam todos com voz de cana rachada. As massagistas tailandesas, essas usam *chut thai* ou saias justas com rachas até à cintura e no falar também não se distinguem.

Desde que moro com a minha tia, tenho aprendido muito. No tempo do engenheiro dos javalis, que era só engenheiro e administrador da Reserva, era tudo velho: armários velhos, secretárias velhas, cadeiras velhas, máquinas de escrever velhas, jipes velhos... Até o retrato do senhor Presidente da República era velho. Agora, atrás da secretária do senhor engenheiro está a mesma fotografia velha dum Presidente novo mais a fotografia nova de um Presidente velho. Também o mobiliário é novo e a máquina de escrever da minha tia foi substituída por um computador moderno com o desenho de uma maçã branca meio comida. No gabinete do senhor engenheiro também há um computador. Como ele nunca aparece no escritório, quem o usa sou eu. O senhor engenheiro não se importa, diz que se não fosse eu, o computador até podia enferrujar. O doutor Bartolomeu também tem um computador. Sei isso desde o dia em que ele me mostrou as fotografias dos quadros dos pintores espanhóis. Eu tinha ido a casa do senhor barão, que agora é dele, buscar umas garrafas velhas de Santa Eulália para a minha tia. E na parede do salão vi uma espingarda guardada numa caixa de vidro. Ao lado estavam dois quadros pequenos: um tinha um barco à vela, inclinado para a direita, a contornar umas fragas, e o outro dois pescadores a descarregar um bote. Como no dia anterior tinha estado a ver, no computador da Reserva, o anúncio duma exposição de pintura em Vila Viçosa, disse em surdina, quase só para mim: “Estes também são do rei D. Carlos.” O doutor Bartolomeu, que estava perto, ouviu e perguntou-me, imediatamente, como é que eu sabia. Expliquei-lhe a coincidência, mas ele não ficou convencido e insistiu: “Sim, mas como viste que eram do rei D. Carlos!?” Nunca fui muito bom a explicar, sei as coisas e pronto, quando digo que um bichinho é um mosquito ou uma formiga, não me passa pela cabeça explicar as diferenças que têm. “Não sei, têm o mesmo padrão.” O que me safa sempre são os padrões. Ele ficou a olhar para mim muito sério, durante algum tempo, até que me perguntou: “Se eu te mostrar algumas imagens de outros quadros, tu és capaz de me dizer depois quem é que os pintou?” Não quis responder-lhe

logo. Sei muito bem que julgam que eu sou um desconcentrado. Mas ele insistiu. Percebi que estava curioso e um pouco ansioso. Como não gosto de ver as pessoas ansiosas, a pressa dos outros causa-me formigueiros nas mãos e engulhos na garganta, respondi-lhe que sim, se eu já conhecesse o pintor. Foi nessa altura que ele foi buscar o computador e me mostrou as fotografias. “Vai passando”, disse-me, e ainda perguntou, antes de ir à adega buscar as garrafas, se eu sabia mexer num computador. Quando lhe disse que passava as tardes a navegar no computador do senhor engenheiro, vi que ele ficou aliviado. Quando voltou e eu lhe disse que já me podia perguntar, admirou-se muito. “Já viste as fotografias todas!? Não queres voltar a vê-las? É que são muitas...”; “Nem por isso, são só 752 quadros, de 76 artistas, de 9 nacionalidades diferentes”, expliquei-lhe, não para o impressionar mas porque gosto de ser preciso, principalmente quando se trata de números.

Também quando foi a primeira vez que saí com o senhor engenheiro para experimentarmos a Suzuqui nova que ele comprou em Beja e, a dada altura, parámos para os lados da herdade das Barrocas, e ele pôs-se a pensar em voz alta que ali, entre o barrocal e a ribeira das Lampas, onde só havia mato, se podia fazer um belo montado e eu, sem pensar, estimei imediatamente a área em 78 hectares. Não desfazendo, sou muito bom a calcular áreas. E prontamente disse, olhando a charneca do mesmo modo que ele, que, em feiras de 10 metros, se podia plantar naquela parcela 7900 sobreiros. Vi logo como o senhor engenheiro ficou assim, como que aparvalhado, a olhar para mim. Não sei se acreditou, mas passada meia hora, quando já vínhamos de regresso, perguntou-me: “E se fosse em feiras de oito metros, fazes alguma ideia?” Pensei imediatamente que me estava a testar. Mas para que ele não ficasse com dúvidas, desta vez respondi-lhe sem hesitar: “Nesse caso podíamos plantar 9900 pés. O senhor engenheiro quer saber, ao fim de 25 anos, quantas arrobas de cortiça vão dar?”; “Não, não, não, algumas vão-se perder, depois há as pragas, vêm aí anos de seca...” Nesse momento empanquei. Por muito que eu soubesse, por mais padrões que eu conseguisse reconhecer, por mais rápido que fosse com as contas, o engenheiro Isaac pensava melhor do que eu porque era capaz de pensar em mais coisas, simultaneamente.

O doutor Bartolomeu deu-me as garrafas e, à despedida, bateu-me no ombro e acrescentou: “Os quadros estão guardados na adega. Logo à noite desembulho-os e amanhã ou depois poderás vir vê-los.” Penso que o doutor Bartolomeu ainda estava hesitante entre mostrar e não me mostrar os quadros; e só por isso fiquei desconfiado. Quem não desconfia de mim é o Fredo. O Fredo já tem 26 anos e é mais velho do que eu oito anos, seis meses e catorze dias, mas como é estrola parece muito mais novo. Como a mim toda

a gente me trata como se eu fosse uma criança, acabamos por ser, na prática, quase da mesma idade. Por isso é que nos damos tão bem. Só não gosto do barulho da motorizada dele, já lhe disse. Mas ele respondeu-me com uma cara tão triste, tão triste, que não lhe tirasse aquele prazer, que eu fiquei com pena dele e não tornei a falar no assunto. É por saídas como esta e outras semelhantes que eu penso que ele é um pouco infantil. O Fredo gosta, principalmente, dos meus truques de cartas. Quem não gosta mesmo nada deles é a minha tia. O Fredo monta a banca na tasca do pai, baralha, manda cortar e espalha, uma a uma, as quarenta cartas do baralho. Depois, manda-me virar e aposta com os clientes em como eu sou capaz de adivinhar qualquer carta que eles retirem de cima da mesa. Como tenho memória fotográfica, aquilo é canja. Mal me viro, falem três, quatro, cinco, ou mesmo seis ou sete cartas, papagueio-as num instante. Fica tudo parvo e o Fredo trata de receber o dinheiro. Minha tia diz que o Fredo sempre foi um aproveitador, mas, como não me custa nada e ele fica contente, eu não me importo. Além de que, no fim, ele paga-me sempre uma comissão. Há dias surpreendeu-me. Olhou para mim, coçou a cabeça, quando tem uma ideia o Fredo coça sempre a cabeça, e disse: “Podíamos tornar isto profissional; era sempre a abrir, Jacob; íamos por este Alentejo, de feira em feira, e ganhávamos uma pipa de massa!” Como não gosto de feiras, por causa da algazarra dos altifalantes, disse-lhe logo que não. “É pena”, lamentou-se ele, e não voltou a insistir.

Quando disse ao Fredo que a minha tia não gostava que eu continuasse a fazer truques de cartas, ele olhou para mim, muito sério, e respondeu-me: “Sabes uma coisa? A tua tia anda a precisar de quem a monte!” Não lhe disse nada, mas não gostei da resposta. Até porque a minha tia não é nenhuma motoreta para ser montada. É nestas ocasiões, em que a surpresa me apanha de cócoras, que mais dificuldade tenho em dar uma resposta. Por norma, engasgo-me, encolho-me, enervo-me e não tenho como parar a cabeça, que começa a balançar para trás e para a frente sem que eu faça por isso.

Quando vim para o Alentejo é que passei a dar valor e mais atenção à bicharada. Em Sesimbra, como já disse, só gostava dos alcatrazes e das gaivotas, mas em Azarelhas passei a gostar de todos os bicharocos: lagartos, sardaniscas, salamandras, cágados, licanços, eu sei lá... E também de saca-rabos, doninhas, ginetos, raposas e todo o tipo de ave de pena. Ah, e também de cães. Os alentejanos são muito sentimentais, não há família que não tenha três ou quatro cães. Quanto aos gatos, esses são tantos, aí pelos telhados, que não vale a pena terem donos, até porque não respeitam a propriedade de ninguém. Aqui há tempos, li no computador do senhor engenheiro que a vida na terra nasceu no mar com os peixes e que depois saltou para terra com

os lagartos. Passado tempo, os lagartos ganharam asas e mais tarde apareceram os outros animais de pelo, até surgir o homem. Não me admirei nada. Seja com escamas, anéis, placas, penas ou pelos, os padrões da bicharada são sempre os mesmos. No gabinete do senhor engenheiro há uma pasta com tudo o que existe na Reserva. Contou-me a minha tia que o «Levantamento» foi obra do engenheiro dos javalis, que era um grande fotógrafo. Apesar de já o conhecer de cor, gosto de passar o tempo a desfolhá-lo e a olhar para as fotografias. Só o facto de saber que tudo aquilo existe e que, a cada momento, posso cruzar-me com qualquer um dos originais, seja bicho, planta ou calhau, dá-me calafrios na espinha.

Às vezes, consoante a época do ano, vou com o Fredo apanhar caracóis, espargos ou cogumelos. O Fredo conhece todos os recantos da Reserva, mesmo aqueles mais escondidos aonde ninguém vai. Além da cesta da apanha, levo sempre comigo um caderninho e um lápis onde vou apontando os espécimes que encontro. Não precisava porque conheço todos de cor e salteado. Mas anoto: o aspeto geral, as características, o nome científico e o nome comum. Depois, acho visualmente excitante ir fazendo a lista dos abates. Além de que já tenho encontrado algumas espécies que não constam do «Levantamento». Por exemplo, a joaninha vermelha, que no catálogo se chama *coccinella*, está referenciada, mas a joaninha amarela que eu vi no olival da Várzea Redonda, não está. Ambas são lindas, mas nada impede de haver uma outra ainda mais perfeita. O engenheiro Isaac, a quem eu contei estes pormenores, disse logo que me ia comprar um telemóvel com câmara fotográfica e fazer-me supranumerário da FAO. “Não posso”, disse-lhe, lamentando-me simultaneamente. “Porquê!?”, perguntou-me, admirado. “É que ainda não tenho 18 anos.” Eu cá sou muito rigoroso e cumpridor das leis. Se todos fossem como eu, não eram precisos polícias nem prisões. “Tens razão, quando fizeres 18 anos, fazemos-te uma festa e entras para a FAO”, prometeu ele, com um daqueles sorrisos gloriosos com que me põe logo bem-disposto. Gosto do engenheiro Isaac porque com ele não há manias nem pormenores. Eu, por exemplo, não sou tão bom de aturar. Às vezes tenho teimas muito grandes. Quando era mais pequeno e ainda vivia em Sesimbra com os meus pais, eles às teimas chamavam-lhes birras. Mas sou teimoso sempre com razão. Ainda na semana passada, numa dessas sessões de truques na tasca do Quim da tasca, que é o pai do Fredo do Quim da tasca, tive uma teima de todo o tamanho. Acontece que eu e o Fredo, para provocar a clientela, andamos sempre a mudar os truques. Dessa vez, o Fredo, depois de baralhar e dar a cortar, espalhou as cartas no balcão: quarenta cartas, sem os oitos, os noves, os dez e os jóqueres, que as cartas que utilizamos são as mesmas da bisca

lambida. Depois, mandou-me virar para a parede do fundo, como sempre faz, e apostou com um fiscal da EDIA em como eu era capaz de adivinhar as duas cartas que ele quisesse trocar de posição. O Fredo escolhe-os a dedo e acerta sempre no mais fanfarrão, quase sempre o mais burro e fácil de convencer. E muito raramente falha no desafio. Vinte euros de cada um nas mãos do Quim, que serve sempre de juiz e tesoureiro. O fiscal da EDIA olhou para mim e para o Fredo e não deve ter visto nada de especial em qualquer um de nós. Eu sou um pouco estrábico e o Fredo também não se recomenda, com aquela cabeleira que não vê pente há vinte e seis anos. O fiscal, com todo o cuidado, tirou a dama de paus que estava na posição três a contar da direita e colocou-a no lugar do terno de ouros, que estava na posição sete a contar da esquerda. Quando o Fredo me mandou virar, a mudança saltou-me logo à vista e, sem dificuldade nem dúvidas, aponte as duas cartas. Quem não ficou satisfeito foi o grande palhaço, que armou logo confusão com a quadra de paus que estava ao lado do terno de ouros. Que não tinha sido aquela, mas a outra. Enervei-me, claro, e chamei-lhe batoteiro. E fiquei a chamar-lhe batoteiro, batoteiro, batoteiro...; quando me enervo, só me dá para balançar a cabeça e repetir a última palavra que me vem à mente, até que o Fredo olhou para mim e disse: “Vamos ver a gravação...” Em boa hora o Fredo tinha convencido o pai a colocar uma câmara de filmar por cima da porta, virada para o balcão, a caixa e as prateleiras. E ainda em muito melhor hora se tinha esquecido, nessa manhã, de desligá-la quando abriu a tasca. O aparelho, que tinha sido colocado, até então sem proveito, para apanhar o ladrão de uísque e outras bebidas finas que, desde há seis meses e a desoras, ganhara o hábito de se aviar na tasca do Quim da tasca, acabou servindo para confirmar que eu tinha razão. O fiscal engoliu em seco e saiu da tasca de cabeça baixa e com menos 20 euros no bolso das calças.

Minha tia quando soube da história do fiscal, disse logo: “Esse Fredo, desde gaiato que é um aproveitador e um oportunista. Não me admiro nada que o ladrão de garrafas seja ele próprio.” Nessa noite nem dormi a pensar nessa possibilidade. Gosto de mistérios, dos livros da Agatha Christie e do Sherlock Holmes, que o Dr. Milagres me empresta. Quando no dia seguinte encontrei o Fredo, a primeira coisa que lhe perguntei foi se o ladrão de garrafas era ele. O Fredo é vivaço, mas não é muito esperto. Olhou para mim desconfiado, assim como que a ganhar tempo, e vi logo que era ele, ainda antes de me questionar: “Quem foi que te disse?”; “A minha tia”, respondi-lhe, porque não sou mentiroso. “A tua tia é uma puta muito fina!” Depois disto, ia pela rua da secretaria da Reserva abaixo, que agora se chama ladeira do Manel Verdascas, quando me cruzei com o doutor Bartolomeu. De cabeça

baixa e a matutar no que o Fredo me tinha dito, se não fosse o doutor ter-me falado, tinha passado por ele sem o ver. “Vais preocupado, Jacob?”, proferiu ele. Por norma não falo com ninguém, mas quando gosto das pessoas desato a língua com a maior das facilidades. Como sou amigo do doutor Bartolomeu, não me contive e, ainda encrespado, contei-lhe o que acabara de ouvir. “Isso não é nada, Jacob. Quando as pessoas são amigas, dizem por vezes umas loas com significados diversos do habitual. O que o Fredo quis dizer é que a tua tia é uma pessoa muito inteligente.”; “Acha mesmo, doutor Bartolomeu?”, perguntei-lhe, já um pouco amaciado. “Inteligente e muito bonita, podes crer!”

Minha tia tem 48 anos, feitos já este mês e, concretamente, também eu a acho muito bonita. Bonita, elegante e com aquela cinturinha de vespa própria dos manequins das revistas, sempre de blusa justa aberta no peito e com calças elásticas ou saias curtas de rachas, a minha tia não é só a mulher mais bonita, como a mais cobiçada e invejada de Azarelas. Como é que uma mulher destas, que é uma estampa, ainda continua solteira, é um mistério que eu não entendo. Se calhar não casa porque, como diz o Fredo, vai despachando os pretendentes. Nessa altura olhei fixamente o doutor Bartolomeu e imaginei que ele bem podia gostar da minha tia e até, quem sabe, vir a casar com ela. O doutor Bartolomeu não era um labrego da terra, vivia na casa de sacada do senhor barão e não me parecia que tivesse mais de 60 anos. Era um homem ainda novo, segundo os padrões atuais, e os meus também. “A propósito, já disse à tua tia que descobri lá em casa umas garrafas de Santa Eulália do ano em que ela nasceu. Se pudesses, logo à tarde passavas lá por casa. Sei que ela ia ficar contente se lhas levasses, e sempre podias aproveitar para ver os quadros de que te falei.” Disse-lhe que sim, e cada um de nós seguiu o seu caminho. Afinal, a relação entre os dois não era uma simples possibilidade gerada na minha imaginação. Eles falavam e entendiam-se nas minhas costas, combinavam *negócios* de vinhos, e, quem sabe, se mais alguma coisa. Sim, que eu sou diferente, mas não sou parvo. Sei muito bem o que quer dizer, entre um homem e uma mulher, ir tomar uma bebida.

Quando cheguei ao escritório, a minha tia não estava. Mas estava o senhor engenheiro Isaac. Aleluia!, que há mais de dois meses que não punha lá os pés. “Entra, entra...”, disse-me ele, mal me viu. “A tua tia vem já.” Como vinha afogueado com o *negócio* da bebida, quase de supetão perguntei-lhe: “O senhor engenheiro já tomou, algum vez, uma bebida com a minha tia?”; o senhor engenheiro olhou para mim, a princípio espantado, mas logo muito sério, e respondeu-me: “Jacob, conheço a tua tia há dez anos. Claro que já tomei muitas bebidas com ela!” Confesso que fiquei um pouco engasgado

com a resposta. E, no entanto, esta pareceu-me natural. Aliás, no rosto do senhor engenheiro Isaac, nem um músculo se moveu, para além dos maxilares. Este padrão de normalidade incutiu-me confiança: “E foi bom?”, perguntei-lhe. “Como foi bom!? O que queres dizer!?”, perguntou-me e franziu os sobrolhos.

Falo pouco, mas quando falo sou muito frio e espontâneo nas minhas conversas. Como já disse, na maior parte das vezes, para não dizer sempre, falo antes de pensar e, por esse motivo, não possuo a subtileza que resulta da prática das associações, conexões e correlações. É o meu *handicap*, segundo o Dr. Milagres. Os meus amigos, que já me conhecem, desculpam-me a imperfeição, mas mesmo eles, por vezes, são apanhados nessa armadilha. Franzir os sobrolhos é um padrão que eu identifico imediatamente com inquietação e perplexidade, tudo coisas que ferem a minha sensibilidade. Nestas ocasiões é normal eu fechar-me, que é a forma que tenho de evitar fricções e colisões. O Dr. Milagres diz que, nos momentos de crise, eu bloqueio. E que isso é a minha melhor defesa. Felizmente, nessa altura, minha tia entrou de rompante na secretaria da Reserva a tilintar as chaves do carro, que é uma coisa que me assusta sempre e me deixa os cabelos em pé. Gritos estridentes e objetos a tilintar são-me insuportáveis. Sou capaz de escutar uma explosão nas pedreiras, mas o arranhar do giz no quadro negro da escola remete-me logo para o canto da sala, de mãos nos ouvidos e a balançar a cabeça. Nessas ocasiões, por vezes, o meu coração acelera até quase sair pela boca. O Dr. Milagres passou-me um atestado em como eu sofro de misofonia e é por causa dele que fui dispensado de frequentar as aulas presenciais. Também não preciso, sei mais do que os meus colegas e o que não sei vou aprendendo com os meus amigos. “Já combinei com o doutor Bartolomeu; hoje à tarde vou buscar as garrafas de Santa Eulália”, disse, igualmente de supetão, enquanto ela, vendo a minha aflição, pousava, cuidadosamente, as chaves no tampo da secretária. A misofonia, explicou-me o meu médico, é uma doença dos padrões — tinha de ser —, neste caso, dos padrões sonoros, cujas repetições se manifestam, normalmente, na banda mais baixa da escala de frequências, por ecos vibratórios irritantes e insuportáveis, a que as pessoas mais sensíveis, como eu, não resistem.